Vasco Trigo

– Comunicar Ciência

>

Interação Química com

Maria José Lourenço

mjlourenco@ciencias.ulisboa.pt

Vasco Matos Trigo

vmtrigo@gmail.com

O Mundo atual é caracterizado como um sistema complexo e exigente onde a comunicação desempenha um papel fundamental. Mas como várias atividades, a comunicação também necessita de treino. E é crucial treinar para comunicar ciência a não especialistas e não desfocar mensagens. Uma mensagem emitida por um locutor não deve suscitar dúvidas ou confusão por quem a recebe. Onde está a informação relevante? Com um único objetivo de não perder o rigor e garantir que a mensagem é transmitida e apreendida de forma eficaz, cientistas de todas as áreas do conhecimento são estimulados a simplificar a sua mensagem e a interagir com públicos diversos. Sabia que quando se comunica ciência ao público em geral se aumentam as capacidades de comunicação nos domínios da especialidade? Sabia que organizar ideias, simplificar mensagens, conhecer audiências, interagir com os *media* e desenhar um estilo de apresentação oral e escrita são considerados grandes desafios científicos da atualidade? Num toque de cumplicidade para uma conversa diferente, onde o jornalista passa a entrevistado, a *Interação Química* aproximou-se de Vasco Trigo, autor e apresentador e o responsável pelo magazine semanal da RTP 2 “Com Ciência”, exibido entre 2010 e 2012. Ainda se lembra? Valerá a pena recordar no Arquivo da RTP os vários programas dedicados à celebração do Ano Internacional da Química em 2011.

Vasco Matos Trigo, com mais de 35 anos de carreira, é uma figura bem conhecida do público em geral e muito em especial da grande maioria dos investigadores do nosso país. Locutor e realizador de programas na rádio, jornalista, repórter político, repórter parlamentar, editor de programas de informação, é considerado um dos maiores especialistas portugueses em Comunicação de Ciência. O seu domínio científico de atuação nas Ciências Sociais localiza-se nas Ciências

da Comunicação e da Educação e ainda possui competências de Engenharia e Tecnologia (talvez não saiba, mas entre 1976 e 1985, Vasco Trigo estudou Engenharia Eletrotécnica na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto). No entanto, é jornalista desde 1984. Começou na Rádio Renascença, exerceu também na imprensa escrita e foi para a RTP em 1988 onde apresentou e coordenou vários noticiários (24 Horas, Telegiornal, Jornal de Sábado, Jornal de Domingo, Jornal 2,

RTPN, RTP Informação) e vários programas (Sinais do Tempo, Zoom, Parlamento, 2001, 2010, Com Ciência). É moderador de debates, mesas-redondas, seminários, congressos e repórter de Ciência e Tecnologia desde 1996. Tem a licenciatura em Estatística e Gestão da Informação pela Universidade Nova de Lisboa e o MBA em Audiovisual & Multimedia pelo Institut Saint Louis de Bruxelas. Tem mais de uma dezena de anos de docência com experiência em unidades curriculares de 1.º e 2.º Ciclos (Licenciatura em Ciências da Comunicação e Mestrado em Jornalismo), a saber, Teorias e Políticas da Cultura e da Ciência, Atelier de Jornalismo Cultural e Científico, Cultura e Media, Contemporaneidade e Produção Cultural.

Gostava que caracterizasse o seu percurso académico e profissional.

Eu nasci no Porto. Quando era miúdo era para ser engenheiro eletrotécnico. E fui quase, cheguei ao 5.º ano, na altura a licenciatura era de 5 anos. Mas em paralelo com a faculdade comecei a fazer rádio, na Rádio Renascença, e entusiasmei-me com a comunicação social. Em 1985 mudei-me para Lisboa para evoluir no jornalismo e em 1988 passei da rádio para a televisão. Fazia então jornalismo na área política. Em 1996 fui desafiado para fazer um programa de televisão sobre ciência e tecnologia e deu-se uma viragem na carreira profissional. Daí para cá dediquei-me à comunicação de ciência. Licenciei-me em Estatística e Gestão da Informação e fiz um MBA em Audiovisual e Multimédia. O meu interesse no processo de comunicação de ciência conduziu-me a investigações ao nível de doutoramento, que continuo a desenvolver, com foco na crescente adesão dos cientistas ao processo de comunicação para públicos leigos. Em paralelo, dei aulas no ensino superior e frequentemente oriento ações de formação em comunicação de ciência.

De que área estamos a falar?

Genericamente, estamos a falar de comunicação, de partilha de informação e de conhecimento. Como jornalista, o destinatário do que faço é o público em geral. O jornalista é o mediador entre quem tem perguntas e quem tem as respostas para essas perguntas. Especificamente, estamos a falar de comunicação de ciência, de tecnologia, de conhecimento, de inovação.

Quando decidiu seguir esta área? Porquê?

Não me arrependo de ter optado por esta profissão, mas não vou dizer que sempre quis ser jornalista, porque

não é verdade. Sempre me interessei por tecnologia e inovação. Lembro-me, por exemplo, de no início da década de 1980, ainda na rádio, ter sido algo pioneiro com rubricas sobre informática e jogos de computadores. Era o tempo dos *Spectrum*, muita gente não se lembra ou não viveu nesse tempo. Eu transmitia programas informáticos via rádio, coisa que suscitou muitas dúvidas até entre engenheiros, mas que funcionou. A especialização em comunicação de ciência para públicos leigos, como disse, começou em 1996. Recordo que nessa altura se abriu uma nova era para a ciência em Portugal, em grande parte graças a uma figura incontornável que foi José Mariano Gago. A comunidade científica deu um salto em quantidade e em qualidade. E era preciso que a sociedade em geral se apercebesse dessa mudança. Foi para isso que tentei contribuir.

“

Comunicação de ciência, como eu a entendo, tem por destinatário o público leigo e é feita por jornalistas, por cientistas e por outros agentes que consigam traduzir em linguagem acessível os temas da ciência e os resultados da investigação.

Há algum momento/passagem que gostaria de destacar nos seus trabalhos? Qual? Quais?

Um episódio que eu nunca esquecerei, embora possa parecer banal, foi uma abordagem na rua por um jovem que me reconheceu e me disse: “*Você é a pessoa mais importante na minha vida, a seguir aos meus pais, porque foi por ver os seus programas na RTP que decidi tirar o curso de Física que estou agora a concluir*”. No dia a dia, cumprindo as nossas rotinas, nem sempre estamos conscientes do impacto que o nosso trabalho tem na vida dos outros, mas episódios como este fazem-nos refletir e aumentam a nossa responsabilidade.

“

Gostava que a sociedade entendesse que a evolução assenta na ciência e no conhecimento.

Comunicação de Ciência/Jornalismo em Portugal ou no estrangeiro? Como aconteceu consigo?

Vale a pena fazer aqui uma clarificação de conceitos. Eu gosto de distinguir entre jornalismo de ciência, comunicação de ciência e comunicação científica. Jornalismo de ciência é feito por jornalistas e além de comunicação de ciência inclui outras vertentes, como por exemplo política de ciência, economia de ciência ou sociologia da ciência. Tem por destinatário o público em geral. Comunicação de ciência, como eu a entendo, tem por destinatário o público leigo e é feita por jornalistas, por cientistas e por outros agentes que consigam traduzir em linguagem acessível os temas da ciência e os resultados da investigação. Comunicação científica é como eu designo a comunicação que os cientistas fazem para os seus pares, para os seus estudantes e para públicos especializados. Eu desenvolvi a minha carreira em Portugal, mas sempre olhando para o estrangeiro, porque o jornalismo de ciência já se fazia noutros países há mais tempo. Estou a pensar em Inglaterra, em França, na Alemanha ou nos Estados Unidos, por exemplo. Faço parte de várias redes internacionais de comunicação de ciência e de jornalistas de ciência.

Qual é o país com que tem mais colaboração?

Tenho desenvolvido algum trabalho na Índia, em particular no IITGN, o *Indian Institute of Technology* de Gandhinagar. Conduzi ações de formação e produzi alguns conteúdos. Em 2019 e em 2020 desloquei-me lá e mantenho essa ligação, agora remotamente, pelas circunstâncias que vivemos. Apesar de ser uma realidade diferente, há muito de comum, porque afinal a ciência não conhece fronteiras. O convite para colaborar com o IITGN resulta de um compromisso com a promoção da excelência não só na Ciência e Tecnologia, mas também nas Humanidades e Ciências Sociais. Para atingir o objetivo de formar técnicos com uma visão humanística, com capacidade e competências para intervir na sociedade, esta instituição convida regularmente especialistas e investigadores estrangeiros.

Indian Institute of
Technology Gandhinagar.
iitgn.ac.in

Quais os aspetos mais relevantes e que benefícios para a sociedade é que o seu trabalho nesta área nos pode trazer?

Vou-lhe responder com uma curta frase que assumi como o fundamento da minha atividade. O meu objetivo é contribuir para elevar o nível de cultura científica da sociedade, por forma a que os indivíduos possam melhor exercer os seus direitos de cidadania.

Jornalistas para quê, na Sociedade da Informação?

Vasco Matos Trigo
Radiotelevisão Portuguesa-SPT
vtrigo@rtp.pt

Resumo

Na Sociedade da Informação continua a haver lugar para o Jornalista? Partindo de uma tradicional análise SWOT, este texto procura estabelecer referenciais para um novo posicionamento do Jornalista enquanto ator social. No fundo, trata-se de discutir a relação Jornalismo e Sociedade. Há quem considere a comunicação uma das questões centrais do século XXI, na sequência da realização já conseguida da aldeia global. Ora, um dos aspectos dessa questão é a medição das consequências para a Humanidade. Neste capítulo tentamos contribuir para este tipo de avaliação, concretamente para o Jornalista. Para atingir esse objetivo parece fundamental esclarecer a confusão habitual entre Jornalismo e Informação. Porque, se no universo digital tudo pode ser considerado informação, nem tudo – relativamente muito pouco, aliás – é Jornalismo.

Palavras-chave: jornalismo; informação; aldeia global.

“Quando sopram ventos de mudança,
podes construir abrigos ou moinhos.”
Ditado dinamarquês

Vasco Matos Trigo, “Jornalistas para quê, na Sociedade da Informação?” in *Sociedade da Informação – O Percorso Português*, de José Dias Coelho, Lisboa: Edições Sílabo, 2007, págs. 556-565. ISBN: 9789726184621.

Todos os anos são proclamados pelas Nações Unidas “Os Anos Internacionais de...”. Como é que a Sociedade celebra estes temas? Há comunicação/divulgação suficiente?

Sou relativamente cético sobre a eficácia dessas iniciativas, embora reconheça que constituem oportunidades para dar alguma visibilidade, nomeadamente através de eventos e atividades. Mas será que fica alguma coisa, no fim do ano? Não estou a dizer que não deva haver os “Anos Internacionais de ...”, mas o que eu gostava, se calhar com alguma utopia à mistura, era que a ciência

estivesse mais presente no quotidiano, nas notícias, nas conversas de café, nos processos de decisão, na economia. Gostava que a sociedade entendesse que a evolução assenta na ciência e no conhecimento.

Fale-nos de um momento importante na sua carreira.

A atribuição do Prémio “Seeds of Science - Área de Comunicação”, em 2010, foi muito agradável. E foi uma surpresa, porque não resultou de uma candidatura. Sinceramente, nunca corri atrás de prémios. Mas não os desprezo, claro. Eu sempre me esforcei por dar o meu melhor e não escondo que é agradável ser distinguido, é uma prova de que o nosso esforço é apreciado e reconhecido. Fundamentalmente, aumentou a minha responsabilidade e da minha equipa. O prémio foi atribuído pelo Jornal Ciência Hoje, um jornal digital que, entretanto, foi descontinuado em 2015 por falta de apoios.

Quais têm sido os principais desafios?

O principal desafio para um jornalista de ciência em qualquer órgão de comunicação é a disputa por espaço. A ciência não é prioritária. Além disso, a produção de conteúdos noticiosos interessantes sobre ciência é dispendiosa em termos de tempo e até de meios, o que conflitua com a pressão para a produtividade do jornalista. Este é um desafio interno. A nível externo, felizmente, nunca fui confrontado com dificuldades no contacto com os investigadores e com as instituições para recolha de informação. Um desafio permanente é o de conciliar o tempo da comunicação, caracterizado pelo imediatismo, com o tempo da ciência, necessariamente mais longo.

“

Vejo com enorme satisfação personalidades que hoje se destacam e lideram projetos e instituições e cujos primeiros passos eu acompanhei há 25 anos.

Fale-nos da sua experiência com o Programa “Com Ciência”.

O “Com Ciência” existiu entre 2010 e 2012, mas foi a sequência lógica do “2001” entre 1996 e 2000 e do

“2010” entre 2001 e 2008. Nós tivemos o privilégio de testemunhar uma mudança profunda no que se pode chamar o ecossistema da investigação científica em Portugal. Basta comparar a situação na década de 1990 com o panorama atual, quer na dimensão quer na qualidade da comunidade de cientistas, quer ainda nas próprias instituições de investigação. Estamos num patamar notoriamente superior. E eu assisti e acho que de certa forma pude dar um pequeno contributo. Vejo com enorme satisfação personalidades que hoje se destacam e lideram projetos e instituições e cujos primeiros passos eu acompanhei há 25 anos.

Magazine semanal, exibido entre 2010 e 2012, apresentado por Vasco Matos Trigo, dedicado a temas de ciência, tecnologia e inovação. A ver em arquivos.rtp.pt/programas/com-ciencia.

Que análise faz sobre a cultura científica em Portugal?

A cultura científica no nosso país é reduzida, para não dizer insignificante. E por isso há um terreno fértil para desconfianças e teorias da conspiração. Felizmente é crescente a sensibilidade, o interesse e mesmo o empenho dos investigadores no processo de comunicação de ciência para os públicos leigos. Mas há muito a fazer. As tecnologias digitais, os novos media e as redes sociais vieram abrir oportunidades para ultrapassar algumas dificuldades no acesso à comunicação social tradicional. Mas não basta divulgar os resultados do trabalho dos cientistas. É preciso ultrapassar o caráter meramente utilitarista que por vezes domina a abordagem da ciência e que limita, por exemplo, o acesso a financiamentos. Claro que é importante que um cientista consiga responder à pergunta “Para que serve a sua investigação?”, mas é preciso em paralelo valorizar a investigação básica ou fundamental. É mais difícil, claro, mas tem de ser feito. E explicar o método científico.

Quem deve falar sobre a COVID-19 ou outro tema nos media?

Quem tem de falar são os políticos, os decisores, que devem explicar que as decisões têm por base o co-

nhcimento científico disponível em cada momento. Por isso, quem também tem de subir ao palco são os especialistas, mas sem inundarem o espaço, por uma questão de preservação da imagem. E devem cingir-se à sua área de especialização. A sociedade e os decisores pedem ou até exigem aos cientistas que forneçam informação que permita fundamentar decisões e regular comportamentos. Porém, a novidade do vírus e das suas variantes traz consigo uma carga acrescida de incerteza, o que dificulta a função de aconselhamento dos cientistas. Por outro lado, e ainda que muita decisão política tenha sido tomada invocando as informações providas pela ciência, será que essas informações foram bem interpretadas pelos decisores? E será que a população em geral interpretou bem as recomendações? É que apesar de a ciência estar acessível a muitas pessoas, nem todas a conseguem entender. Estudos na área da psicologia mostram que demasiada informação para públicos leigos pode levar a um excesso de autoconfiança e as pessoas podem convencer-se de que sabem mais do que sabem na realidade. É preciso comunicar os processos, o método científico e a incerteza que lhe está associada. É a credibilidade dos cientistas e da ciência que está em causa, se hoje anunciarmos uma verdade absoluta e dois dias depois viermos dizer o contrário. Isto está a passar-se com as vacinas, por exemplo.

O que é que já aprendemos com esta pandemia?

Já fomos confrontados com as nossas limitações, mas também com a nossa capacidade de enfrentar desafios. Penso que aprendemos que a ciência pode ajudar a resolver os problemas e os desafios, se tiver os meios necessários. Espero que tenhamos compreendido que ninguém faz milagres, e que todos temos responsabilidades específicas na procura de soluções para problemas que nos afetam a todos.

“Se calhar podia montar-se um projeto “Tudo é Química”, à semelhança do “Isto é Matemática” que abrange a televisão, internet, literatura e espetáculos ao vivo, ou do “Tudo é Economia” que passou na RTP. É uma sugestão.

Como é que a Ciência em Portugal deveria ter um papel de destaque na atual pandemia?

Considero que a ciência tem tido destaque, nas reuniões de especialistas e na presença de cientistas nos *media*. Mas por vezes há demasiado “folclore” e pouca substância. Acho que se podia dar mais visibilidade ao contributo de cientistas e instituições portuguesas no combate à pandemia. Alguma coisa tem sido feita, mas pode ser reforçada.

A Química tem um papel fundamental na Sociedade, mas frequentemente é acusada de efeitos nefastos, ou seja, dizem que isso tem Químicos! Na sua opinião como se deve reverter esta ideia para repor a verdade dos factos pois afinal tudo é Química?

Se calhar podia montar-se um projeto “Tudo é Química”, à semelhança do “Isto é Matemática” que abrange a televisão, internet, literatura e espetáculos ao vivo, ou do “Tudo é Economia” que passou na RTP. É uma sugestão.

J. C. Marques, J. Quintela, M. T. Restivo, V. M. Trigo, *International Journal of Engineering Pedagogy, Special Issue, TaT'2012, Talking about Teaching 2012, 2013, 3, 22-25.*

Indique-me um livro, uma música e um filme/teatro da sua preferência

“La science est le défi du XXI siècle”, foi escrito em 2009 por Claude Allègre, um geoquímico e ex-ministro da educação. No livro, este membro da Academia das Ciências de França, dos Estados Unidos e da Índia, e também da *Royal Society*, propõe que a resposta a questões como as catástrofes ecológicas, as crises financeiras e económicas e o restabelecimento da harmonia entre os homens e entre os homens e a natureza seja encontrada à luz da ciência e da técnica, o que ele considera “os motores essenciais

da História”. Em termos musicais sou muito eclético. Ouço regularmente Bach, os concertos para violino e a obra para órgão. Vivaldi é outro barroco de que gosto. Nos clássicos destacaria Mozart. Mas também me toca o “Porto Sentido” do Rui Veloso, que me faz regressar aos tempos de juventude. Nos filmes, vou destacar o “Voando sobre um ninho de cucos” do Milos Forman, que valeu o primeiro óscar ao Jack Nicholson e que nos faz refletir sobre quem são os verdadeiros loucos.

“

Para mim, um jornalista não é só um técnico de comunicação. Mas ele deve fundamentalmente ter as competências para detetar o que é importante e usar as técnicas de comunicação para tornar interessante o que é importante.

Na sua relação com a gastronomia o equilíbrio está mais deslocado para o lado dos sólidos ou dos líquidos? Qual o melhor prato que comeu em toda a sua vida?

Aprecio boa comida e gosto de experimentar a diversidade. Gosto de carne e de peixe, mas também não rejeito comida vegetariana bem cozinhada, como se faz em algumas regiões da Índia. No vinho, prefiro o tinto, principalmente do Douro. Não consigo escolher um melhor prato, mas seria talvez entre bacalhau à Braga, posta mirandesa, cataplana de marisco ou robalo na brasa.

Qual a melhor viagem do mundo?

Na juventude andei durante um mês à boleia pela Europa. Apreendi muito. Mais tarde, a primeira ida à Índia.

Como diminui a pressão no trabalho? Há hobby?

Brincar à agricultura é relaxante, mas também é bom deambular sem destino pelas ruas da cidade. Se estiver mau tempo, ler livros é sempre bom.

Qual é o seu lema de vida/lema de vida profissional? Missão para a sociedade?

Para mim, um jornalista não é só um técnico de comunicação. Mas ele deve fundamentalmente ter as competências para detetar o que é importante e usar as técnicas de comunicação para tornar interessante o que é importante.

Se a sua vida desse um filme quem gostaria que fosse o realizador?

Não dará, seguramente. Mas gosto das abordagens do Leonel Vieira, para escolher um realizador portugueses.

Por agora a nossa interação terminou. À data de hoje sabemos mais e o conhecimento adquirido permite que enfrentemos o futuro com segurança convictos que a Química e as suas áreas afins podem resolver problemas da Humanidade. Vasco, foi um gosto a sua entrevista e muito obrigada pelo tempo disponibilizado.

(realizado em abril 2021)